

Perspectiva filosófica, Recife, v. 52 n. 3 (edição especial) (2025): Filósofas Analíticas Brasileiras. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 0104-6454. DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2025.268919>

Submetido em: 20 mai. 2025
Aceito em: 01 out. 2025

ENTREVISTA: Beatriz Sorrentino Marques

Interview: Beatriz Sorrentino Marques

Beatriz Sorrentino Marques¹

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Paloma Xavier²

Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Sofia Abelha Meirelles³

Universität Wien

RESUMO

Entrevista com Beatriz Sorrentino Marques sobre suas experiências na academia, desde a escolha da carreira até sua atuação na vice-presidência da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (SBFA), no Grupo de Escrita de Mulheres na Filosofia (GEMF) e na participação na Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. A discussão aborda as dificuldades e estereótipos enfrentados por filósofas, incluindo a escassez de professoras e os esquemas de gênero que afetam a participação em sala de aula.

Palavras-chave: mulheres na filosofia. entrevista. filosofia no brasil.

ABSTRACT

Interview with Beatriz Sorrentino Marques about her experience in academia, from choosing her career to serving as vice president of the Brazilian Society of Analytical Philosophy (SBFA), the Women in Philosophy Writing Group (GEMF), and her participation in the Brazilian Network of Women Philosophers. The discussion addresses the challenges and stereotypes faced by female philosophers, including the shortage of female professors and gender stereotypes that affect classroom participation.

Keywords: women in philosophy. interview. philosophy in brazil.

¹ E-mail: bsorrentinom@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7192-0777>.

² E-mail: palomasouzaxavier@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5104-3152>.

³ E-mail: sofia.abelha.meirelles@univie.ac.at. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9277-741X>.

SOBRE A ENTREVISTADA

Beatriz Sorrentino Marques é atualmente professora na UFMT (PPPGFIL), colaboradora do Programa de Pós-graduação em filosofia da UFPE, vice-presidente da *Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica* (SBFA), líder do Grupo de Escrita de Mulheres na Filosofia - GEMF (UFMT), parte da administração da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*, bem como integrante dos grupos de pesquisa *Mente em Ação* da UNB e *MORES* (Grupo de pesquisa em Metaética, Psicologia Moral e Teorias das Razões Práticas) da UFPB.

Entrevista conduzida por Paloma Xavier e Sofia Abelha, no dia 17 de fevereiro de 2025, por meio de videochamada, e editada para oferecer clareza e concisão.

ENTREVISTA

Paloma - O curso de filosofia não é geralmente tido como um curso que se faz para ganhar um bom salário ou ter um futuro promissor no sentido mais comum da ideia, e por isso acaba sendo uma escolha difícil para se fazer ao se inscrever no vestibular, especialmente para adolescentes. Não só esse primeiro momento é difícil, como também continuar no curso e especialmente seguir uma carreira na área. Você poderia comentar sobre por que você escolheu cursar filosofia e continuou seus estudos na área, e como foi para você o processo de perceber que faria a filosofia como uma carreira profissional?

Beatriz - Essa pergunta exige que a gente lembre o passado. Tem algum aspecto de interpretação do agora, de eu olhar para trás e interpretar mais ou menos como foi esse processo. Quando eu precisava começar a pensar o que eu faria na universidade, eu me perguntei do que eu gostava, o que me interessava e, no fim das contas, eu percebi que me interessava muito ou me interessavam de modo geral, questões que eram na verdade filosóficas.

Quando eu estava no Ensino Médio, a gente não tinha filosofia, que só foi implementada em 2008. Mas eu gostava de ler, eu lia ensaios e percebia que gostava muito das questões filosóficas, das discussões que tocavam os temas filosóficos. A filosofia começou a ficar saliente para mim. Em algum momento eu comecei a ler algumas coisas de filosofia, de maneira muito incipiente, mas aquilo

me interessava, me gerava muita curiosidade. E, como não havia uma lei de implementação de filosofia no ensino médio, de fato não estava muito claro qual era a carreira que a gente podia seguir estudando filosofia, que hoje em dia a gente pensa de um modo geral que seria lecionar no Ensino Médio ou na universidade, embora eu acredite que haja outras possibilidades. Mas essas são as que a gente imediatamente pensa.

Acho que quando eu fui me voltando para a área, a aspiração era de fato lecionar na universidade, me tornar uma professora universitária, embora ainda não fosse completamente claro como seria esse percurso, o que exatamente isso implicaria. Eu fui percebendo que questões filosóficas me direcionavam, me empurravam num caminho e eventualmente, de fato, acabei nessa posição de professora universitária.

Sofia - Quando eu entrei na universidade, eu fazia um curso mais aplicado e a perspectiva de ter um emprego era mais óbvia. Depois de um ano já fazendo aquele curso, eu decidi mudar, e foi uma escolha difícil. Lembro que fiquei uma tarde inteira conversando com meus pais, explicando o que eu poderia fazer com filosofia. E uma tia me ligava às vezes perguntando se eu tinha mesmo certeza de que eu queria fazer filosofia, por um misto de razões financeiras e até religiosas.

Paloma - Eu perguntei isso também porque passei por situações semelhantes quando escolhi Filosofia. E não foi só por parte da minha mãe ou do meu pai, parentes também diziam: “Nossa, como é que tu vais escolher uma área que não tem trabalho?”

Beatriz - Pergunta importante para quem não é milionário.

Sofia - No ensino médio, quando se lê textos de filosofia, não há muita guia de como fazer as leituras, ou sobre onde esses textos se localizam no grande esquema das coisas, digamos assim, a gente não sabe nada sobre divisões da filosofia. Você mencionou que no ensino médio você lia alguns ensaios, e eu fiquei curiosa se você lembra de alguma coisa que você leu, não necessariamente sobre os textos em si, mas algum autor/a ou algo que você gostava.

Beatriz - Eu lembro que eu li Erasmo de Roterdã, por exemplo, li Nietzsche, li essas coisas que de um modo geral me interessavam. Eu não entendia completamente, mas me instigavam. Eu acho também que os desejos vão se atualizando, mas a carreira também vai se atualizando. Quando eu quis ser

professora universitária, ser professora universitária significava outra coisa. A gente perdeu muitos direitos, a gente perdeu muita coisa de lá para cá. Hoje em dia a carreira é outra. Quando eu entrei, já não era a mesma carreira que eu sonhava em ter.

Sofia - A próxima pergunta é sobre como você se intitula e que peso isso traz para você. Existem muitos estereótipos em torno dessa ideia do que é ser filósofo e, no geral, existe essa imagem do intelectual, uma pessoa excêntrica que fala coisas profundas, tem citações na manga, opiniões sobre quase tudo. E, pensando na questão de gênero, tem também essa performance de masculinidade, e também de colonialidade estereotipada. Então algumas pessoas se sentem desconfortáveis em falar que são filósofas, de serem associadas a essa imagem, e preferem se dizer professora ou pesquisadora de filosofia. E aí entra uma outra distinção entre pesquisador e professor de filosofia, que se faz já no nível de graduação, se a pessoa escolhe um bacharelado ou se escolhe uma licenciatura, e a partir disso a pessoa começa a se identificar mais com um ou com o outro lado. Segundo a lógica de “quem não sabe, ensina”, tem todo um preconceito com quem escolhe licenciatura e também de que “mulheres são excelentes professoras”. Já uma coisa associada a outra, vários estereótipos são carregados nesses títulos.

Beatriz - Sim, verdade. Eu não tenho grandes dúvidas sobre isso, eu sou uma filósofa. Eu acho que a partir do momento que a gente começa a pensar sobre questões filosóficas, refletir sobre elas e buscar propor respostas, a gente está fazendo filosofia e a descrição de filósofa se aplica.

Mas eu não digo isso para depreciar a função de professora porque, ao contrário do que de fato a formação tende a privilegiar, que é a dimensão da pesquisa, eu tenho uma alta estima pela profissão de professora, pelo desempenho dessa função. Eu acho que é uma função importantíssima, e não apenas pelo seu aspecto social, mas até para a própria pesquisa. Uma coisa que eu aprendi quando comecei a dar aula é que a gente na verdade não faz filosofia sozinhas. Isso deveria já ser óbvio desde o começo, mas eu me dei conta melhor disso quando eu comecei a ensinar. E aquele processo de reflexão para comunicar a outras pessoas o que a gente pensa, para comunicar a outras pessoas a nossa interpretação de certas questões, de certos autores e autoras, eu percebi que era fundamental também para a pesquisa.

A sala de aula, penso eu, é parte do desenvolvimento de pesquisadores também. Tanto porque ali a gente pode apresentar o que a gente vem pesquisando, resultados de pesquisa, e a gente se atualiza na pesquisa, e isso contribui para as nossas aulas, mas também porque eu acho que esse movimento de expor um pensamento, uma reflexão, é a própria reflexão. Então a função de professora não me parece nem um pouco menor, pelo contrário, me parece essencial que a pesquisadora e a professora andem juntas. Mas de fato eu sei que há uma tendência a desmerecer essa função e a privilegiar a função da pesquisa como se ela fosse mais intelectualmente nobre e isso imporia uma certa hierarquia. Felizmente, por exemplo, na universidade pública, essa associação da pesquisa com o ensino é uma dinâmica que está bem estabelecida.

Então eu diria que eu sou filósofa, mas não tenho nenhum tipo de dificuldade com o título de professora de filosofia também. Ambas são duas faces da mesma moeda. Em algum sentido, até porque a gente tende a pensar a filosofia associada à figura masculina também, me dá uma razão para dizer que eu sou filósofa, para talvez quebrar um pouco esse estereótipo, para a gente pensar que existem filósofas e normalizar a ideia de filósofas atuantes, e não apenas na história da filosofia, o que elas claramente fizeram, mas atuam hoje também.

Paloma - É ainda comum que pessoas se formem em filosofia sem ter tido muitas professoras mulheres. Isso é um pouco mais acentuado nas áreas que, de certa forma, representam muito do que se entende por filosofia analítica. A pergunta é: quantas professoras de filosofia você teve ao longo de sua formação? Algumas delas eram analíticas?

Beatriz - Da graduação até o doutorado eu tive duas professoras, ambas na graduação. Gisele Amaral e Ana Thereza de Miranda Cordeiro Durmaier. Ambas eram professoras na UFPB, muito boas professoras, realmente excelentes. Havia uma outra professora na graduação de filosofia na UFPB, chamada Ana Lêda de Araújo. Ela ensinava lógica, mas ela não chegou a ser minha professora, pois estava afastada para pós-doutorado quando eu estava na graduação. Só a professora Ana Leda era da lógica, Gisele e Ana Thereza não são da área analítica. E depois na pós eu não tive mais professoras.

Isso é um retrato da área. Se não há muitas mulheres na profissão atuando, então dificilmente a gente vai ter professoras quando a gente está estudando. E na pós-graduação são ainda menos professoras, então me parece fiel ao retrato da área que eu não tenha tido professoras na pós-graduação.

Sofia - Você acha que melhorou um pouco esse cenário?

Beatriz - Difícil dizer sem dados. Eu não sei quais eram os dados daquela época porque eu desconheço qualquer pesquisa daquele período. Eu vou imaginar que a porcentagem era baixíssima, algo semelhante ao que a Carolina Araújo mostrou na pesquisa dela de 2016.⁴ Algo semelhante àquilo ou talvez até pior, porque a gente está falando de mais de 10 anos antes da pesquisa da Carolina. Hoje em dia, vamos lembrar que não passou tanto tempo, vai fazer ainda 10 anos da pesquisa da Carolina Araújo e eu acho que essa discussão tem ganhado fôlego mais recentemente, nos últimos cinco anos talvez. Então, é pouco tempo para haver mudanças, considerando a dificuldade que a gente tem de ter vagas para contratação nas universidades públicas. Eu acho que pouca coisa pode ter mudado. Não sei, a gente precisaria olhar para os dados. Vocês tiveram professoras na graduação?

Paloma - Na graduação, na UFPE, eu cheguei a ter uma professora de filosofia antiga, a Loraine Oliveira, mas não havia professoras mulheres trabalhando com filosofia analítica. Na época, o departamento contava apenas com dois professores nessa área: o Fernando Raul e o Fábio Tenório. Gostei muito das aulas de lógica, e acho que foi isso que me aproximou mais da analítica. Meu interesse temático acabou se desenvolvendo muito por iniciativa própria, especialmente em diálogo com alguns grupos de alunos, em particular, o de estudos sobre Wittgenstein.

Mais tarde, quando o professor Marcos Silva entrou no departamento, foi com ele que passei a ter um direcionamento mais claro para a pesquisa.

Sofia - Eu tive sorte de ter bastante, comparando com outras experiências que eu escutei. Tive cinco professoras durante o bacharelado, duas delas próximas de uma abordagem mais analítica. Não tive uma professora de lógica no bacharelado, mas tive no mestrado com a minha orientadora, professora Itala

⁴ ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil - 2015. São Paulo: ANPOF, 2016. Disponível em https://anpof.org.br/wlib/ckfinder/userfiles/files/Files%202/Files%203/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf e http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf.

D'Ottaviano. Também fui aluna da professora Janyne Sattler na graduação, o que foi excelente.

Sofia - Parece existir um recorte de gênero sobre as pessoas que ocupam mais espaço numa sala de aula ou num evento, e que nutrem o estereótipo de “filósofo” que mencionamos. Dada sua experiência em formação de filósofas e filósofos, você vê alguma diferença no processo de formação desses grupos? Você nota algo diferente na formação profissional “meta-acadêmica” desses diferentes perfis de alunos, como o preparo para lecionar no ensino superior, o fomento de autoestima intelectual e incentivo à publicação?

Beatriz - Essa é uma pergunta difícil. Eu acho que isso remete ao que a gente pode chamar de esquema de gênero. Os esquemas de gênero são as normas específicas para a conduta de cada gênero. Então é óbvio que existem estudantes mulheres que podem ter muita facilidade para se expressar em uma sala de aula e podem haver estudantes homens que têm dificuldade. Eu não quero dizer que isso é necessário, que necessariamente há um recorte de gênero nessa distinção de como a pessoa se sente para falar em sala de aula. Mas geralmente, considerando os esquemas de gênero que a gente tem e que já nos atravessam quando chegamos à universidade, a gente tende a reproduzir essas normas de gênero na nossa conduta também em sala de aula.

São normas sobre como se conduzir, mas também são percepções e expectativas. Às mulheres é prescrito que elas devem ser mais quietas, não falar demais, não interromper, não ser confrontacionais, ou seja, não entrar em disputas. E aos homens geralmente é prescrito que eles podem justamente ocupar os espaços, que não há problema em certas interrupções, em se manifestar, em entrar em conflito. Isso parece ser considerado “próprio” dos homens. Fora isso, tem uma percepção também de que as mulheres seriam emotivas e pouco racionais, enquanto que os homens seriam muito mais racionais do que nós.

Então eu acho que isso gera mais conforto ou desconforto, para justamente falar numa disciplina, que supostamente a gente entra pensando que é o ápice da racionalidade, que são disciplinas da filosofia. E se a gente é ensinada a não ser confrontacional, o ambiente filosófico que é constituído em torno das disputas argumentativas vai parecer um ambiente menos confortável para nós. Eu acho que isso faz com que possa haver já uma distinção no próprio ingresso na filosofia.

Numa sala de aula de filosofia, algumas pessoas vão estar mais confortáveis para falar mesmo, e outras menos. Falamos sobre isso no artigo “A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área de Filosofia” (2023).

É um problema ao qual quem leciona precisa estar atenta ou atento, porque a gente vai precisar, para a formação dos futuros filósofos e filósofas, professores e professoras, que essas pessoas consigam se expressar, que elas consigam refletir sobre filosofia, e isso significa entrar num debate realmente filosófico. O estímulo a se posicionar em sala de aula, a responder perguntas, a dizer o que pensa sobre determinado tema, o que refletiu a respeito, ele precisa ser feito para todos os estudantes em sala de aula, tanto para aqueles que conseguem se expressar mais, quanto para aqueles que têm um pouco mais de dificuldade para se expressar, ou que são mais tímidas e tímidos na hora de falar em público. E existem maneiras de fazer isso acontecer. A gente tem que estar muito atenta para evitar interrupções em sala de aula, por exemplo. Garantir o direito à palavra dos estudantes que estão com a palavra naquele momento é importante. É claro, também exercer uma certa moderação, também há pessoas que têm muita facilidade para falar, então é preciso evitar que as discussões fiquem concentradas nelas. A gente precisa também conduzir isso de uma maneira que evite essa concentração, mas também com uma certa sensibilidade para a pessoa não se sentir cortada ou como se a palavra tivesse cerceada ali, exige muita sensibilidade.

No entanto, há algumas coisas cuja a minha mera existência já é uma maneira de mitigar, porque o fato das estudantes me verem ali falando sobre os temas proporciona para elas um exemplo de que isso é possível, é algo que elas podem fazer também. Então isso gera um pouco mais de conforto, e quando elas percebem que a gente vai dar atenção ao que vai ser dito e que a gente vai entrar no diálogo com elas de maneira respeitosa, se a gente cria esse ambiente em sala de aula, eu acho que elas e qualquer aluno, qualquer estudante mais tímido também vai se sentir mais confortável para falar. Você tem que criar esse espaço em sala de aula de conforto, de não-violência na hora da discussão.

É importante a gente produzir uma percepção de que a gente está autorizada a falar sobre todos os temas. A gente precisa apresentar mulheres que estão fazendo filosofia. Então eu diria que passa por duas coisas. A gente precisa criar um ambiente em sala de aula atento, sensível a essas questões, à distribuição

do discurso em sala de aula, um espaço que seja não violento, em que as pessoas sintam confortáveis para falar, mas também trabalhar mais nesse aspecto da representatividade, para que todas e todos sintam que podem pertencer a esses espaços sem dificuldade.

Sofia - Sobre a distinção entre filosofia analítica e continental, é uma distinção relativamente recente em termos históricos e em muitos níveis também artificial, como quase qualquer distinção. Existem muitas críticas sobre o real significado e o papel dessa distinção, não só na formação, mas em toda a carreira acadêmica, visto que por vezes acaba gerando uma rivalidade desnecessária entre tópicos que convergem, que são necessários uns para os outros. E a desilusão com essa distinção acaba aparecendo cedo ou tarde. Nesse sentido, como você entende a distinção e qual sua relevância e seu papel para os estudantes, especialmente os ingressantes no curso de filosofia?

Beatriz - Eu não sei se, quando a gente ingressa, a gente realmente precisa estar muito atentas e atentos a essa distinção de imediato, porque eu acho que a pessoa não tem sequer as ferramentas para compreender qual pode ser a distinção. A pessoa ainda não tem as ferramentas metodológicas ou conhecimento de história da filosofia suficiente. Eu não sei se é algo fundamental logo no ingresso. Eu acho que traçar essa distinção é uma coisa muito difícil. Eu não sei se eu diria que não há distinção nenhuma. Parece também um pouco exagerado, já que é uma classificação adotada comumente na filosofia, alguma distinção talvez haja, nem que seja de estilo de redação. Mas eu tenderia a responder essa pergunta de uma maneira simplificada, porque realmente a gente precisaria fazer todo um estudo para poder responder algo assim. Simplificando, eu diria que a filosofia analítica usa ferramentas próprias, ou seja, ferramentas para propor argumentos e avaliar a verdade de certas conclusões de argumentos. E o uso dessas ferramentas vai seguir certas regras do bom raciocínio ou do raciocínio adequado. Se a filosofia continental fizer o mesmo, então talvez não haja grande diferença nesse sentido mais metodológico. Pode ser que haja, sim, entretanto, alguma distinção no uso desse método.

Mas com certeza há uma distinção quando a gente está falando da abordagem exegética, da história da filosofia. Essa é uma abordagem que se preocupa com saber se certa autora ou certo autor disse certa coisa de fato, ou

seja, se a interpretação está adequada, e também é uma abordagem filosófica que está muito interessada no contexto em que essas coisas foram ditas, mais interessada realmente em recuperar a história da filosofia.

Essa distinção é talvez relevante para os estudantes só quando eles começam a pensar em linhas de pesquisa, no que querem fazer e talvez até num certo autoconhecimento das suas aptidões, para entender melhor para qual área se inclinam. Especialmente se a estudante, o estudante, tem interesse em ingressar na pós-graduação e desenvolver pesquisa, então conhecer essas aptidões, por exemplo ferramentas analíticas, se a estudante tem uma facilidade com esse tipo de abordagem, eu acho que isso é importante, talvez tomar um pouco mais de consciência, saber que vão haver linhas de discussão que vão se agarrar mais a essas ferramentas. Então, por exemplo, isso talvez tenha sido importante para mim em algum outro momento, olhar para essa maneira de pensar os problemas e isso facilitou em algum sentido entender melhor por qual área eu me atraio.

Sofia - Você mencionou ferramentas que seriam analíticas. Acho que a mais óbvia que todo mundo pensa é a lógica. Você usa lógica, geralmente lógica clássica, para formalizar argumentos e tentar tirar alguma conclusão de algo, de um argumento na linguagem natural, um argumento filosófico. Você acha que isso faz sentido sempre? E quais seriam outras ferramentas que você considera “analíticas”?

Beatriz - Acho que essa ferramenta de análise, de redução de conceitos às suas partes, de pensar em esmiuçar um problema, uma questão, aos aspectos mais simples. Isso parece ser uma ferramenta usada na filosofia analítica, embora, de novo, é difícil fazer essa distinção de uma maneira muito abrupta, porque se a gente pensar que a lógica é própria da analítica, a gente tende a operar realmente com base na lógica, mas parece que seria um pouco absurdo dizer que a filosofia continental não tem nenhuma proximidade, relação e nenhum uso da lógica. Então eu não sei se a gente consegue fazer distinções tão marcadas sobre temas e áreas da filosofia.

Paloma - Você já mudou de área dentro da filosofia? Se sim, vê essa mudança como uma expansão de um interesse anterior ou como uma mudança para um outro eixo?

Beatriz - Não propriamente. Eu sempre estudei filosofia da ação. Então, já houve um tempo que eu li autores continentais sobre o assunto, mas de fato eu acho que eu tenho mais propriedade para discutir a questão do ponto de vista dos autores considerados analíticos. O meu tema sempre foi a filosofia da ação e o meu interesse sempre foi esse, nunca realmente se afastou muito desse eixo. No momento eu vivo uma certa crise. Fiz a minha formação em filosofia da ação propriamente analítica, filosofia causal da ação. Então era a teoria que eu defendia, estudava com muito afinco, e hoje em dia eu tenho me interessado muito pela filosofia da Elizabeth Anscombe, sua filosofia da ação, mas não se encaixa nesse quadro conceitual e teórico da filosofia causal da ação. Não que os conceitos sejam distintos, mas a maneira de entendê-los talvez seja distinta. Isso gera uma pequena crise porque talvez algumas coisas que eu tenha pensado sobre a ação eu esteja repensando. Mas eu tenho sido uma pessoa muito focada no tema, que é a filosofia da ação. De modo geral, é isso que me move.

Quando eu pensava questões mais metafísicas, essas eram questões sobre ações. Pensava questões mais sobre a filosofia da mente como questões sobre ações. E atualmente eu pesquiso muito questões próximas à ética ou à metaética. Eu faço isso refletindo sobre as ações.

Sofia - É como se fosse uma lente que você tem usado para investigar outras áreas, também.

Beatriz - É, porque a filosofia da ação tem as suas questões, essas podem ser metafísicas, podem ser epistêmicas, podem ser de metaética, então ela está num diálogo com essas outras áreas. E meu interesse central é na agência humana.

Paloma - No seu currículo Lattes você informa que suas áreas de pesquisa são filosofia da ação, livre-arbítrio, responsabilidade moral e filosofia da mente. Quando foi que você determinou que essas eram as suas áreas de atuação?

Beatriz - Acho que no doutorado, propriamente. Desde a graduação talvez eu soubesse que essa era a minha área, eu fiz iniciação científica e eu já pesquisava a filosofia da ação. Mas eu não sei se eu sabia que essa era a minha área no sentido de que era a minha área de pesquisa. Foi no doutorado, com certeza, que eu entendi que eu pesquisava filosofia da ação, que essa era a minha área, que isso envolvia problemas de livre-arbítrio, consequentemente, de responsabilidade moral, porque na época eu estava mais interessada em questões de

responsabilidade moral apenas conectadas às questões de livre-arbítrio. A filosofia da mente é como muitas vezes a área da filosofia da ação é situada, que é justamente a reflexão sobre ações intencionais, então tem um aspecto mentalista em como a gente pensa as ações. No doutorado isso foi ficando bastante claro, acho que propriamente no começo já tinha essas distinções. E aí, claro, depois, essas reflexões se expandem e hoje em dia eu entendo responsabilidade moral de uma maneira mais ampla, focada em questões sobre ações, mas é uma preocupação com a responsabilidade moral propriamente, não de uma maneira derivativa. Quais são as condições para a responsabilidade moral e como certos aspectos contextuais afetam nossas atribuições de responsabilidade.

Sofia - Tanto o Grupo de Escrita de Mulheres na Filosofia, GEMF, como a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas são projetos muito importantes e relevantes tanto academicamente quanto no nível educacional e social, pois viabilizam trabalhos de pesquisadoras que estão em diferentes níveis acadêmicos e popularizam filósofas e obras que a maioria das pessoas desconhece, mesmo pesquisadores e pesquisadoras. Então você poderia comentar como foi o surgimento desses projetos e quais são os maiores obstáculos no desenvolvimento?

Beatriz - O GEMF surge em 2015 com uma reflexão sobre, justamente, a ausência ou evasão das mulheres na filosofia. Eu ainda estava no doutorado, e saiu um artigo no Daily Nous sobre evasão das mulheres na filosofia. Na época eu tinha voltado do doutorado sanduíche, tinha tido a experiência de grupos de escrita na Florida State University, que foi uma experiência muito boa. E aí, com algumas colegas, a gente teve a ideia de implementar aqui. Pensamos: por que a gente não faz então um grupo de escrita, mas para as mulheres na filosofia? Ou seja, nós, que estamos precisando discutir os nossos trabalhos, e de fato há todas essas dificuldades que nós já mencionamos de se colocar nas discussões acadêmicas, então vamos discutir entre nós e vamos apoiar as pesquisas umas das outras. Foi assim que surgiu o GEMF e ele está aí até hoje. A gente tentou fazer diferentes atividades, como ter convidadas para discutir a pesquisa com a gente. A gente tem feito eventos todo ano, exceto no ano passado, quando tiramos um pequeno sabático mas já estamos de volta. E a Rede surgiu nesse mesmo contexto. É muito mais difícil explicar o surgimento da Rede porque é uma rede, são muitas pessoas. Formalmente o site da Rede, que tem os grupos e projetos que discutem mulheres

na filosofia ou gênero, surge em 2019, e é o mesmo site até hoje. E acho que a Rede surge justamente nesse espaço de “Primavera das filósofas”, em que a gente se deu conta da evasão das mulheres na filosofia e se deu conta de que a gente pode tentar discutir o problema e ter projetos relacionados para incentivar a permanência. Aí já tinha sido publicado o estudo da Carolina Araújo, que eu acho que é de 2016, que fala sobre o quantitativo decrescente de mulheres ao longo da carreira. Há uma falta de equidade de gênero muito grande na área, especialmente quando a gente ingressa profissionalmente na universidade, aí tem realmente uma pequena quantidade de professoras e na pós menos ainda. Carolina Araújo começou esse esforço de colocar os grupos no site e depois as administradoras entram e começam a tentar ajudar justamente a administrar, porque não é tão simples gerir tantas tarefas relacionadas ao site e às atividades da Rede. Redes surgem desse jeito. Eu acho que na pandemia a gente normalizou um pouco essas atividades online, então a gente começou a pensar em muitas atividades e tinha muitas demandas e a Rede disponibilizou seu canal no YouTube para as atividades, assim como o site. Eu acho que além de permitir atividades para quem estava com os projetos, também gerou muito interesse de quem podia assistir a aqueles eventos e atividades.

Obstáculos há muitos e nenhum, porque na verdade não há nenhum impedimento para a existência desses projetos. A gente realiza nossas atividades e a gente consegue desenvolver aquilo que a gente almeja. Então em algum sentido não há impedimentos. Mas ao mesmo tempo, por outro lado, acho que existe um obstáculo. Uma coisa que me preocupa é que essas discussões das filósofas e sobre as filósofas sejam tratadas como uma mera nota de rodapé ou uma subseção até meio irrelevante da discussão central sobre os filósofos.

No GEMF, por exemplo, não tratamos de pesquisas com esse tema de gênero ou filósofas, mas das nossas próprias áreas, em que esses temas às vezes também aparecem. As discussões são as pesquisas que nós realizamos. Então as áreas são: filosofia da mente, linguagem, metaética, epistemologia. Mas, mesmo assim, quando realizamos os eventos que são de filosofia analítica, o público é esmagadoramente de mulheres, o que parece que expõe algo, porque é uma área esmagadoramente masculina. Isso suscita a questão de por que os homens não estão frequentando os eventos? Esse é um obstáculo. Eu não saberia nem como

frasear exatamente o que é esse obstáculo, mas parece que quando a gente discute filósofas, ou quando são filósofas discutindo os temas da filosofia, a gente fala mais para nós mesmas e isso, eu diria, parece ser um obstáculo.

Sofia - Às vezes a gente vê isso em conferências também, se tem alguém apresentando um trabalho sobre alguma filósofa ou um tema que seja sensível à questão de gênero, e aí mesmo se tem homens na audiência na hora de fazer a pergunta, só mulheres fazem perguntas, na maior parte dos casos, falando aqui de experiência própria. Parece que eles ficam acanhados de não querer ocupar aquele espaço, que seria um espaço para as mulheres ou algo do tipo.

Beatriz - Se eles estão participando e só não estão fazendo as perguntas, eu ainda acho um pouco menos preocupante. O que eu acho que é mais preocupante é se eles não estão frequentando essas discussões. Aí parece um pouco mais complicado.

Paloma - Você atua como vice-presidente da chapa reeleita para a próxima diretoria da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica, a SBFA. Será que você poderia comentar sobre a distinção entre filosofia no Brasil e filosofia brasileira no que tange ao rótulo de filosofia analítica como um método de investigação? Me parece que enquanto a dita filosofia continental trabalha com certos autores, a filosofia analítica trabalha com temas, embora talvez seja uma distinção equivocada, como você já comentou, já que parece haver métodos nitidamente distintos das filosofias continentais, ainda que haja um rótulo geográfico atrelado a esse tipo de trabalho. Será que devemos fazer o mesmo ao tentar demarcar a filosofia por aqui?

Beatriz - Essa é uma pergunta difícilíssima. A primeira coisa que precisa ser dita é que, vergonhosamente, eu não conheço suficientemente a filosofia brasileira para responder essa pergunta de maneira adequada. Eu acho que a filosofia feita no Brasil tende a seguir, sim, essas divisões tradicionais de filosofia continental e filosofia analítica. O pouco que eu conheço de discussão de filosofia brasileira me parece que traz a abordagem mais focada em autores e autoras. Se a gente entrar no consenso de que essa é uma abordagem continental, então talvez se encaixe em filosofia continental. Mas sobre a pergunta de se a gente deveria fazer essa demarcação da filosofia por aqui também, eu não tenho a menor condição de fazer afirmações descritivas, que dirá prescritivas sobre filosofia brasileira. Se a gente

estiver falando sobre a filosofia que a gente tem feito no Brasil, academicamente, eu acho que a gente segue essas distinções. Se a gente deve fazer essa demarcação, depende a que servem esses rótulos. Já sobre filosofia brasileira, aí eu realmente acho que eu não conheço o suficiente para dizer nada, nem descritivo, nem prescritivo. O que posso dizer é que tenho interesse em conhecer mais.

Sofia - Você organizou o ciclo de palestras da SBFA durante o biênio 2023-2024. Poderia comentar como tem sido esse trabalho de curadoria do evento, quais temas e autores são selecionados ou indicados e como isso molda a proposta da atual diretoria da SBFA?

Beatriz - A ideia do ciclo de palestras vem de fato da minha experiência com o coletivo, no caso, a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, que tem forte influência sobre mim e sobre como eu penso em qualquer organização. Assumimos o ciclo de palestras naquele momento de saída da pandemia. A pandemia tinha finalmente regredido numa altura em que a gente estava se considerando um pouco menos cerceados, e havia uma necessidade de expandir a SBFA. A Sociedade tinha se retraído um pouco nesse período, por razões óbvias, pelas quais tudo se retraiu, então precisávamos de um movimento de expansão.

Dado que também é uma sociedade que não tem tantos recursos financeiros, a expansão online é um caminho, pois a via remota seria sem custos. Então, o ciclo surge como uma maneira de ter uma atividade da SBFA que tivesse uma frequência, que pudesse ser acessada pelo público em geral para gerar um pouco mais de interesse pela Sociedade e pelos temas da filosofia analítica. Serve com esse intuito de difusão da filosofia analítica, mas também para manter contato com as pessoas da comunidade que já são parte da SBFA e querem ter um contato mais frequente do que simplesmente nos eventos, que são bienais.

A maneira que a curadoria tem sido feita toca na questão do coletivo. Eu não imaginei que fosse interessante que a gente tivesse uma decisão minha ou do Marcos, o presidente, dizendo que o ciclo de palestras vai ser assim e vamos tratar destes temas. Eu achei que essa era a oportunidade, justamente, de envolver a comunidade. O ciclo não é uma coisa para ser meramente assistida pela comunidade, é algo que vai ser produzido pela comunidade. Pensei que a melhor maneira seria convidar jovens pesquisadoras e pesquisadores, pessoas que estão

terminando o doutorado, estão fazendo pós-doc, jovens professores no sentido de que ingressaram recentemente na universidade e convidar essas pessoas para organizarem uma edição do ciclo cada uma. Isso nos garantiria uma certa diversidade de temas, inclusive temas que fossem mais correntes, atuais, que as pessoas estão pesquisando, e permitiria a essas pessoas que elas entrassem em contato com pesquisadores e pesquisadoras que são expoentes na área, que são pessoas com quem querem dialogar e estabelecer um contato.

Assim, uma pessoa que está terminando o doutorado, ou que está fazendo pós-doutorado, pode participar do ciclo organizando uma palestra de uma pessoa que é um expoente na área, e aí a pessoa vai conseguir estabelecer um contato acadêmico com esse pesquisador, essa pesquisadora. É uma ideia realmente coletiva, a SBFA como sociedade e seus associados vão fazer o ciclo. A ideia era que o ciclo se tornasse uma produção orgânica mesmo da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica. Todas são bem-vindas/os para propor.

Paloma - Eu achei a ideia do ciclo muito interessante porque foi, na minha percepção, o que possibilitou a SBFA se expandir para temas que não são estritamente de filosofia analítica. Até quem é de filosofia antiga e outras áreas que acabam não se aproximando da filosofia analítica teve acesso a partir do ciclo.

Paloma - Como foi a sua experiência atuando na vice-diretoria da SBFA durante o biênio de 2023-2024? E quais são as expectativas para o próximo mandato? Além disso, existe algum planejamento de iniciativas voltadas para o incentivo à participação de mulheres na filosofia analítica?

Beatriz - A experiência foi boa. Eu achei que foi muito interessante. Claro, do ponto de vista da minha perspectiva individual, isso me pôs em contato com diversos pesquisadores e pesquisadoras, me deu essa oportunidade de trabalhar junto com pessoas com quem é muito bom trabalhar e com quem eu estabeleci uma relação profissional mais próxima. Mas não só isso, do ponto de vista da comunidade foi bom. A gente conseguiu reativar o Prêmio “Melhor Artigo em Filosofia Analítica” e fizemos o Ciclo de Palestras depois de um período muito difícil, que foi o período da pandemia. Eu acho que o evento correu muito bem, então isso foi também uma coisa muito positiva. As expectativas para o próximo mandato são boas, mas ao mesmo tempo eu diria que não são muito diferentes do

anterior. Eu acho que uma vez que a gente estabeleceu alguns elementos que parecem interessantes, a tentativa agora é manter esses elementos, e em si já é difícil administrar todas essas coisas. Afinal, a gente tem uma série de outras atividades relacionadas ao trabalho. Só conseguir manter já vai ser uma vitória, eu acho.

Sobre o planejamento para as iniciativas voltadas para a participação das mulheres na filosofia analítica, eu acho que seria ótimo. A gente precisa incentivar a participação das mulheres na filosofia analítica. Um ponto importante já está sendo implementado de uma maneira mais ou menos orgânica, que é trazer as mulheres para participar da diretoria participativamente, propor atividades na diretoria e trazer as estudantes de modo que elas se sintam confortáveis para propor atividades e iniciativas. Então junto da diretoria também temos as estudantes que contribuem; pensam junto; participam, mas não só elas. Claro, a gente quer convidar a comunidade.

Eu acho que a SBFA funciona de modo muito mais interessante se a gente pensar que em algum sentido toda a comunidade é um coletivo que pode também ter as suas próprias propostas. As propostas são mais interessantes se elas não vêm da diretoria para baixo, é mais interessante se a comunidade propõe. A gente tem um site, a gente tem um canal de YouTube, então essas também pretendem ser plataformas para difundir, para facilitar iniciativas desse tipo. A expectativa é que seria muito bom se membros da nossa comunidade propusessem essas atividades, porque certamente a administração, a diretoria está aberta a receber e ficaria feliz em receber essas propostas.

Paloma - Eu participei do evento da SBFA em 2022 e percebi uma grande diferença em relação à edição de 2024. Sou até suspeita para comentar, pois também estive na organização, mas observei mudanças muito positivas: um evento mais inclusivo, mais acolhedor, com maior participação de mulheres e, principalmente, com mais atenção à acessibilidade.

Eu estava ingressando no mestrado quando participei do evento de 2022 e cheguei a perguntar se haveria algum tipo de auxílio para estudantes. Disseram que não havia nenhum apoio disponível, e tudo era muito difícil para quem, como eu, nem sequer tinha bolsa. Desta vez, em 2024, porém, a experiência foi completamente diferente, e de forma muito positiva.

Beatriz - Tradicionalmente, eu acho que os eventos não costumam ter auxílio para estudantes. Mais recentemente está mudando.

Paloma - Eu espero que as próximas edições continuem, porque eu achei o diferencial muito bom.

Beatriz - Eu acho que só de ter sido no Nordeste já ajudou um pouco na questão do deslocamento, porque, como você disse, você era estudante de mestrado da UFPE, então ir para o Rio era uma dificuldade se você não tinha bolsa, se você não tinha nenhum auxílio. De fato muitos dos eventos são no Sudeste, então geralmente é difícil sempre para as mesmas pessoas, e aí tem que dar uma balanceada. Acho que tem que ter alguns auxílios, se a gente puder, pois a participação dos estudantes é importante - no fim das contas é tudo para os estudantes, não é para a gente que estamos fazendo isso.

Paloma - Eu achei essa conversa aqui muito importante e necessária, Beatriz. Foi muito bom ver de perto a tua experiência nessa carreira.

Beatriz - Legal, obrigada.

Sofia - Também achei muito legal. É uma forma da gente ter uma referência de como as coisas são também, ou como as coisas podem ser, então pra mim foi bem interessante!